



SARLAT — LANTERNA DOS MORTOS.

No departamento de Dordogne, está Sarlat, cidade pequena e cabeça de uma comarca que por muitos é chamada o Perigord negro, formando parte do departamento o antigo Perigord. É situada n'um valle sombrio e fundo, rodeado de montanhas cobertas de castanheiros; deve a sua fundação a uma antiga abbadia de beneditinos que o papa João XXII erigiu em bispado, hoje transferido para Perigueux, capital de toda a provincia. Talvez que esta circumstancia de ser sé episcopal fosse a causa de não a abandonarem os seus antigos habitantes, visto ser exposta a frequentes inundações e estar muito distante das estradas reaes e outras mais importantes vias de communição. Actualmente o commercio que n'ella se faz, e achar-se elevada a cabeça de cantão, conservam-lhe ainda sufficiente actividade. É triste, e as ruas tortuosas são todavia guarnecidas, pela maior parte, de elegantes casas do estylo, e sobretudo do tempo da chamada renascença; sendo as mais agradaveis as que pertencem á epoca dos reis Francisco I e Henrique II.

O templo principal de Sarlat, posto que vasto, pouco tem de notavel, algumas estatuas mu-

tiladas por cima da portada e um cruzeiro do seculo XIV, mui despido de ornato, eis unicamente o que pode entreter por minutos a attenção. Porém, no cemiterio acha-se um monumento digno de ser conservado e examinado: é uma capella sepulchral, coroada pela cupula ou remate, a que ali deram o nome de *lanterna dos mortos*. Os edificios d'este genero são rarissimos; os fachos ou pharoes construidos nos seculos XII e XIII nos cemiterios consistiam de ordinario n'uma simples columna quadrangular, no sócco da qual se formava um altar de pedra. As capellas sepulchraes com fachos foram quasi todas destruidas; a do antigo cemiterio das religiosas de Fontevrault, que ainda ali se vê no passeio publico, é quadrada, flanqueada de escarpas, e na cobertura do alto, que é de cantaria, surge uma columna ôca de duas braças de elevação, rematada por uma lanterna octogona. A capella de Sarlat é inteiramente redonda; o pavimento terreo, do estylo byzantino, era alumiado por uma porta ogival e tres janellas da mesma forma, hoje tapadas, porque serve de paiol da polvora; havia dentro um altar e a abobada era em forma de cupula; o primeiro andar recebia luz de

JUNHO, 6, 1857.

VOL. I. — 4.ª SERIE.

C. M. L.
GABINETE
DE ESTUDOS
OLISIPONENSES

quatro aberturas de figura curva, e na parte superior ou andar ultimo, e que termina em forma eonica, passava por alguns buracos quadrados a luz do fogacho que ali se acendia todas as noites.

O seminario de Sarlat é o edificio que se vê no fundo do desenho e do lado direito.

M.

BYRON!

Continuação.

II

Em Julho de 1809, contando apenas vinte e um annos de idade, partiu Byron de Inglaterra, como dissemos, dirigindo-se a Lisboa, em companhia de mr. Hobhouse. Da nossa cidade escrevia elle a mr. Hodgson (provavelmente antes da desavença com o boleeiro) estas palavras, assaz lisonjeiras para nós: — «Sou felicissimo aqui. Como laranjas; fallo pessimo latim com os frades, que elles comprehendem como se fosse o seu; vou ás reuniões com pistolas na algibeira; atravesso o Tejo a nado (duvido, e creio que os leitores tambem!) e galopo sobre um burro ou sobre uma mula; praguejo em portuguez; e além de tudo isto tenho diarrhéa, e sou devorado pelos mosquitos. Mas que importa? Quem corre atraz do prazer, precisa não attender muito á commodidade.»

Depois, no primeiro canto do *Childe-Harold*, ainda fallou assim do nosso paiz:

Ó Christo, como é bello contemplar-se
Quanto por essa terra de delicias
O ceo fizera! Que fragrantés fructos
De rubicunda côr as arvores pejam!
Sobre as collinas que formosas scenas! (*)

Mas logo, mais abaixo, acrescenta (e traduziremos em humilde prosa os excellentes versos do autor) estas expressões pouco lisonjeiras para o nosso amor proprio:

«Pobre povo de escravos, nascido em tão formoso clima! Ó natureza, para que prodigalisaste os teus dons a semelhantes homens?»

Depois, quando passou á Hespanha, ainda nos mimoseia com esta delicada comparação:

«O mais pobre aldeão hespanhol, tão orgulhoso como o primeiro dos seus duques, conhece bem a distancia que o separa do escravo portuguez, o ultimo dos escravos!»

Isto ainda eram reminiscencias do pau do descanso do seu amigo boleeiro.

Deixemos porém de parte esta mesquinha vingança exercida sobre todo um povo, por causa de uma questão *ad hominem*, e tratemos do gran-

de poeta, com a veneração devida ao seu alto talento.

«Bella Hespanha! Reino glorioso e romantico!...» exclamou Byron ao passar o Guadiana; e chegando a Cadiz, apaixonou-se por uma andaluza, d'aquellas que elle pinta entusiasticamente «com longos cabellos negros, olhar penetrante e ao mesmo tempo languido, tez morena, e ademan gracioso.»

Porém Byron não se demorava em nenhum ponto; apenas Veneza pôde, mais tarde, reter por dois annos nos seus canaes e pontes o volúvel poeta.

Pouco tempo depois, tinha esquecido a gentil hespanhola, e nos braços de uma interessante compatriota, passava dias alegres sob o bello sol de Malta.

Saltando de ilha em ilha, ora açoitado pelo *sirocco*, ora contemplando a calma das vagas azues do Mediterraneo, descansava um momento na Sardenha para colher a herva milagrosa que produz o *risus sardonicus*, e comer das suas deliciosas laranjas, que Byron tanto apreciava; depois ia extasiar-se na presença do Etna, e recordar a terrivel scena das *Vesperas* na propria Sicilia. Mais tarde recordava-se da mythologia, visitando o archipelago, sulcando as aguas do mar Egeo, cruzando o Peloponeso, e entrava na fabulosa Grecia.

«Vetusta cidade, augusta Athenas!» exclama o poeta (no segundo canto do *Childe-Harold*). «Aonde estão os teus grandes cidadãos, essas almas heroicas?... Já não existem... e só nos apparecem entre os sonhos do passado!»

As ruínas d'aquella poetica Grecia, os primores d'arte de seus monumentos derrocados, o aspecto do porto Pireo, a perspectiva do monte Parnaso, tudo que ha de sublime nas recordações d'esse paiz da sabedoria e da arte, arrancava do coração de Byron brados de fundo sentimento pelo estado da Grecia de então:

«Ó Grecia! Como será frio o coração do homem que ousar contemplar-te, e não sentir a dôr de um amante sobre as cinzas d'aquella que adorou!»

No sublime poema *Childe-Harold*, manifesta o poeta as diversas impressões que o assaltaram ao avistar Ithaca, «onde a triste Penelope suspirava contemplando o mar;» depois o cabo Leucade, e o seu promontorio «que foi refugio de amantes sem esperanza, e tumulo da musa de Lesbos;» mais adiante as collinas selvagens da Albania, e o Pindo meio velado pelas nuvens; em seguida o golpho de Ambracia «onde o imperio do mundo foi perdido por uma mulher.»

Byron penetra até aos valles da Illyria, visita Ali-pachá, e depois de mais algumas excursões no interior da Grecia, embarca para Constantinopola.

«Que cidade do mundo offerece maior numero de divertimentos do que tu, Stambul!» exclama o poeta nos preciosos versos da *Peregrina-*

(*) Estes versos são traduzidos pelo doutor Francisco José Pinheiro Guimarães.

nação do joven *Harold*; e em outro lugar falla assim da antiga capital do imperio grego: «Vi as ruinas de Athenas, d'Epheso, e de Delphos; percorri uma grande parte da Turquia, e muitos outros logares da Europa e da Asia; mas em parte alguma encontrei uma obra da natureza ou da arte que me impressionasse tanto como Constantinopola.»

Tambem tinha visitado Thebas (a da Livadia, não a do Egypto), vira correr a Castalia, transitara pela Beocia, passara pela Arcadia, porém nenhuma perspectiva parece havel-o encantado tanto, como a que se gosa das ruinas de Phyle, que o poeta antepõe mesmo á magnifica vista de Cintra, e até á de Constantinopola.

A escassez de meios pecuniarios apressou o regresso de lord Byron a Inglaterra, mas então já não era o homem desconhecido do vulgo e da côrte, apesar de ser par do reino; era o poeta festejado no seu paiz.

Sua mãe morreu, pouco depois de elle chegar á patria, sem prever a immensa gloria que ia ligar-se ao nome do seu unico filho.

Byron publicou pouco depois d'esse triste acontecimento as *Imitações de Horacio*, satyra do mesmo genero que os *Poetas inglezes e os criticos escoceses*; e em seguida os dois primeiros cantos de *Childe-Harold*, que desde logo adquiriram uma grande aura, e deram uma bem merecida celebridade ao seu autor. Este poema-romance de uma originalidade inimitavel, por isso mesmo que se apartava de todas as regras sancionadas pelas escolas, que despresava todos os modelos, foi recebido com o maior entusiasmo pelo verdadeiro talento.

D'ahi a pouco era reputado o nosso poeta como uma das maiores illustrações litterarias da sua epoca, o que junto á sua bella presença lhe atrahia a affeição das mulheres e o odio dos invejosos. O seu espirito perdeu tambem por este tempo o character severo, orgulhoso, e até silvestre que se revela, em parte, nos seus primeiros escriptos, e dedicando-se a galantear o bello sexo, foi heroe de muitas anedotas amorosas, e conquistador de algumas beldades. N'este numero entra a, não formosa, mas seductora, lady Carolina Lamb, para quem lord Byron foi o primeiro amante... porém não o ultimo.

Vivendo ora em Londres, ora na sua abbadia de Newstead, ora em Cheltenham, recordava-se a miudo do formoso sol da Peninsula e do Oriente, e acabou por se enfasiar da Inglaterra, e do *far niente* em que vivia. Quiz voltar de novo a viajar, porém as suas finanças estavam em pessimo estado. Por fim, saciado de gosos, com a saude deteriorada pelos abusos de uma vida desregrada, lembrou-se de casar, e a sua escolha recaiu em lady Elisabeth Forbes, porém esta dama rejeitou a sua mão.

Lady Melbourne, amiga e confidente de Byron, encarregou-se então de lhe arranjar o casamento com outra dama da sua escolha, porém ainda esta combinação falhou.

Em conclusão, no dia 2 de Janeiro de 1815 desposou miss Milbanke, e pelo teor das suas cartas a varios amigos, parece ter achado muito agradável o seu novo estado ainda depois da lua de mel.

Por esse tempo travou elle conhecimento com o celebre Walter Scott, e as suas relações de amizade nunca soffreram interrupção.

Não succedeu o mesmo com sua mulher que lhe fugiu, suppondo-o doido, dizem alguns dos seus biographos!

A 25 de Abril de 1816 deixou lord Byron pela segunda e ultima vez o solo da patria, em companhia do seu medico, o doutor Polidori, de William Fletcher, Robert Rushton, e de um criado suiso.

Já então havia publicado, além das satyras e dos dois cantos de *Childe-Harold*, uma novella turca, intitulada *Giaour* (Infiel ou Christão, em lingua turca). A *Desposada de Abydos*, outra recordação do Oriente. A *Walsa*, pequena mas engraçada peça de poesia. O magnifico poema *O Corsario*, sublime quadro maritimo, que tem tido mil imitadores, quasi todos infelicissimos. *Lara*, outro poema de grande valia, que é considerado como continuação do *Corsario*. Ainda outro poema oriental, *O assedio de Corintho*; a *Parisina*, canto elegiaco de uma tragedia doméstica, e o *Prisioneiro de Chillon*, funebre narração de um horrivel captiveiro. Estes dois ultimos poemets acham-se traduzidos em excellentes versos portuguezes.

Todas estas obras obtiveram grande acceitação em Inglaterra e na Europa culta. Algumas d'ellas haviam sido escriptas, como o proprio autor diz, em trajo de baile, outras sob o peso de graves inquietações domesticas.

Deixando para sempre a patria, que honrara com o seu talento, o illustre poeta recordava com tristeza o que soffrera no seu paiz natal, aonde só a dignidade de par o salvara de gemer n'uma prisão... Fatal destino do genio. Em guerra com o mundo, e até com sua propria mulher, endividado, calumniado, perseguido, o nobre viajante confiou ao mal a sua sorte, e foi procurar a consolação em longinquas praias.

Acompanhal-o-hemos ainda n'esta nova peregrinação, até ao seu termo... o termo de todas as viagens!

Continua.

F. M. BORDALO.

As paixões naturaes contidas nos limites, que prescreve a razão e a moral, são uteis; e podem ser virtudes: quando os ultrapassam, são vicios; e podem chegar a ser crimes.

A grandeza e poderio dos tyrannos não é de invejar: os perigos e os remorsos os pungem; o veneno, ou o punhal lhes encurta a vida: tal foi a sorte da maior parte dos Cesares de Roma.



VASO ESMALTADO DE JOIAS.

Na exposição franceza de 1855, entre outros productos das artes britannicas, figuraram pela primeira vez uns vasos que imitavam com bastante artificio o esmalte com pedras preciosas, sendo os materiaes empregados vidro e o papel denominado *maché*; eram obra de Messr.^s Jennens e Bettridge, que obtiveram privilegio de invenção. Agradaram tanto ao príncipe Alberto, quando visitou aquella exposição industrial, que encommendou dois de semelhante natureza, e pelo desenho que a estampa mostra; ambos, antes de serem levados para o real paço de Buckingham, estiveram patentes no estabelecimento dos fabricantes em Halking-street, Belgrave-square; os ornatos em relevo são de electro-doiradura; a côr do fundo principal é de uma esplendida purpura, realçada em partes por toques escuros acastanhados; os ornatos imitam varias pedras pre-

ciosas com suas naturaes côres brilhantes; a forma não é etrusca nem classica, mas tem uma bella apparencia e produz o melhor effeito.

M.

O IMPERIO D'ANNAM.

Continuação.

Entre as insurreições que rebentaram antes da invasão tunkinesa, houve uma que não pudera ser sopeada: tinha começado na cidade de Quin-Nong, sob a direcção de tres irmãos que compunham uma familia, chamada Tay-son (*montanhas occidentaes*), sobrenome que tinha por ser originaria d'esta parte da Cochinchina. O mais

velho, chamado Nhac ou Yin-Yac, era um rico negociante; o segundo, um bonzo conhecido pela sua santidade; o terceiro, por nome Long-Niang ou Long-Nhu-ong, era um official general, a quem a aptidão e o valor tornavam digno de secundar os projectos ambiciosos de seu irmão mais velho, enquanto taes projectos se não oppozessem á sua propria ambição.

Tanto que os tunkinezes entraram na Cochinchina, Nhac aproveitou o odio natural dos cochinchinezes contra esta nação para declarar que elle queria tomar a defesa do rei; mas accommetteu os recebedores dos seus rendimentos, sob pretexto de que estavam de intelligencia com o inimigo, e roubou-lhes as casas e os cofres publicos. Estes manejos e roubos foram levados tão longe, que não mais foi possível o engano sobre as intenções de Nhac, e o rei da Cochinchina reuniu grandes forças para marchar simultaneamente contra elle e contra os tunkinezes. Nhac, pelo ardil ou pela força, bateu ou corrompeu este exercito.

Durante estas batalhas, o joven rei, todo entregue aos seus prazeres, satisfazia-se em dar as ordens sem lhe importar a sua execução, e deixava invadir e saquear o paiz. A nação indignada derribou-o d'um throno que elle envilecia, matou-o, e levantou em seu logar um neto do ultimo rei legitimo Vo-Nquien-Vuong. O novo rei julgou achar um apoio em Nhac esposando sua filha; mas tendo descoberto os perfidos designios de seu sogro, desembaraçou-se de suas mãos. Levantando então um pequeno exercito, marchou a castigar este rebelde; porém, vencido, viu-se reduzido a entregar-se-lhe. Ainda que tratado com respeito, desapareceu bem depressa com os seus principaes officiaes, sem que se soubesse nunca o que fôra feito d'elles.

O filho d'este principe reuniu um exercito, e marchou contra os Tay-son para salvar seu pae que julgava ainda vivo; mas Long-Niang apresentou-se a este exercito, portador d'uma falsa ordem do rei que tinha desaparecido; ordenou-lhe que depozesse as armas, e entregasse o filho que assim faltava ao respeito que devia ao pae, e á submissão devida ao rei. O exercito obedeceu: o desgraçado principe foi entregue e decapitado na praça de Sai-Gong. A princeza sua mulher, que o acompanhava, fugiu com o seu segundo filho, Ong-Nquien-Chung, ao qual estavam reservados grandes destinos.

Este joven principe esteve algum tempo occulto com sua mãe, e só conseguiu evadir-se com o soccorro d'um missionario francez d'Adran, que devia em pouco fazer um papel bem importante.

Nquien-Chung chegou a reunir um exercito, e entreteve algum tempo a campanha contra os Tay-son; mas, em 1781, foi obrigado a retirar-se e a procurar refugio em Pulo-Wai, pequena ilha deserta do golpho de Siam. Ainda ali foi descoberto, e esteve quasi a ser preso. Então resolveu-se ir pedir asylo ao rei de Siam, a quem

soube tornar-se tão util pelos seus talentos militares, que este em reconhecimento lhe confiou um exercito para tentar a reconquista dos seus estados: esta tentativa porém mallogrou-se pela falta de valor e má conduta dos siamezes.

Os Tay-son, nada tendo a temer pela baixa Cochinchina, trataram de expulsar da alta os tunkinezes que d'ella se tinham apossado. Animados pelo exito, Long-Niang levou mais longe as suas vistas. Aproveitando o descontentamento que os Trinh tinham excitado em Tunkin, ahi entrou, e fazendo-se passar pelo legitimo rei da Cochinchina Nquien-Chung, esteve a ponto de se assenhorear do paiz; mas a fraude foi descoberta, e elle obrigado a sair do Tunkin.

Então os tres irmãos, definitivamente senhores da Cochinchina, cuidaram em dividil-a entre si. N'esse arranjo estabeleceu-se que a Nhac pertenceriam as duas divisões inferiores de Chang e de Donnai; que Long-Niang teria o Hué, que se estende até o Tunkin; e o ultimo irmão seria grão sacerdote de toda a Cochinchina. Por esta disposição, Nhac collocava sagazmente o irmão entre os seus estados e os de Tunkin que podiam causar-lhe algum desassocego.

Long-Niang tinha-se apenas estabelecido em Hué-fo, sua capital, quando aproveitou a primeira occasião que se lhe offereceu de pendencia com o rei de Tunkin, então tributario do imperio da China. Este ao primeiro combate abandonou o seu exercito, e foi a Pekin pedir soccorro ao imperador. Kien-Long enviou o vice-rei de Kang-Tong, Fou-Chang-Tong, á frente de cem mil homens para expulsar o usurpador; mas Long-Niang, prevenido da sua marcha, tinha devastado o paiz que os chins deviam atravessar. Estes, depois de terem perdido mais de cincoenta mil homens pela fome e os combates, foram obrigados a retirar-se, e bem depressa o imperador se viu reduzido a reconhecer Long-Niang por soberano dos reinos unidos de Tunkin e da Cochinchina, sob o nome de Quang-Tung. O antigo rei de Tunkin foi feito mandarim d'uma das provincias da China.

Entretanto Nquien-Chung, depois de ter solicitado inutilmente do rei de Siam novos soccorros para tornar a entrar nos seus estados, viu-se obrigado a fugir de novo para a ilha de Pulo-Wai, que fortificou, acompanhado de mil e quinhentos cochinchinezes que seguiram a sua sorte. Elle tinha confiado a educação de seu filho ao missionario Adran, encarregando-o de acompanhar o joven principe á côrte de Versailles, e de solicitar soccorro do rei de França. Adran e seu discipulo chegaram a Paris em 1787, e a sua missão teve completo exito. Foi assignado um tratado offensivo e defensivo entre a França e a Cochinchina; e Adran, nomeado bispo *in partibus* d'este paiz, partiu levando as ordens pelas quaes o principe desthronado devia obter todos os soccorros necessarios para tornar a entrar nos seus estados. Porém as intrigas e a má vontade de Conway, governador de Pondichéry,

retardaram a empresa que a revolução franceza fez definitivamente abandonar.

Este concurso de circumstancias desgraçadas não fez desanimar Adran, que persistiu no projecto que formara de restabelecer o soberano legitimo, se elle vivesse ainda; ou, no caso contrario, de entregar ao joven principe o throno de seus maiores. O bispo, o joven principe, e muitos officiaes francezes, que se lhes uniram como voluntarios, embarcaram em um navio mercante que os levou ao cabo de S. Jaques, na embocadura do rio que conduz a Say-Gong. Ahi foi que pela primeira vez tiveram noticias do rei. Depois da sua partida, este principe estivera perto de dois annos na ilha de Pulo-Wai, vivendo de raizes como os seus companheiros.

Continúa.

ASTUCIA CONTRA ASTUCIA.

CONTO PERSA.

Um habitante da cidade de Bagdad, que, durante a sua mocidade, se deleitava em estudar as astucias dos ladrões, e muitas vezes em lh'as frustrar, viera a ser, quasi no fim da sua vida, um modesto bezzaz, isto é, tinha-se feito commerciante d'estofos d'algodão no bazar da cidade.

Ora uma noite, algumas horas depois de fechados os armazens, um habil ladrão, disfarçado em negociante, entrou no bazar. Era, sem contradicção, o nosso bezzaz em pessoa: o molho de chaves, o turbante, a bengala, o capote, o mesmo som da voz do velho, eram imitados com incrível perfeição. O astuto galuno foi ao encontro do guarda do bazar, e lhe disse com o maior socego do mundo:

— Toma este candeeiro: vae acendel-o; tenho contas a fazer esta noite.

Depois, sem esperar resposta do guarda, abriu a porta da loja do bezzaz. O guarda não se demorou com o candeeiro; e o velhaco pegou-lhe de maneira que a luz lhe não desse no rosto, e, sem dizer palavra, assentou-se diante d'um livro de contas.

Proximo ao romper do dia, chamou o guarda e disse-lhe:

— Vae procurar um moço, e recommenda-lhe que se não esqueça de trazer os seus utensilios, por que tem de levar alguns fardos de fazenda para minha casa.

E acrescentou:

— Esta noite velaste por minha causa; eis a minha bolsa, tira o que precisares para pagar o teu almoço, e avia-te.

O moço encontrou promptos muitos pacotes de panno de valor, carregou-os ás costas, e seguiu o ladrão.

O verdadeiro bezzaz chegou ao bazar algum tempo depois de nascer o sol, segundo o seu costume. Ahi estava o guarda que, saudando-o com rosto alegre e reconhecido, exclamou:

— Hoje os meus filhos, graças ao que me des-

te esta noite, regalaram-se como uns principes. Que Deus derrame as suas benções sobre ti e sobre a tua familia! Possas tu prosperar no mundo, e gosar no ceo uma felicidade eterna!

O bezzaz, admirado de tantos agradecimentos, teve a prudencia de não responder. Suspeitando porém alguma desgraça, correu a abrir o seu armazem. Logo á primeira vista conheceu que a mais rica parte dos seus estofos tinha sido roubada, e adivinhou tudo. Entretanto absteve-se de gritar; chamou tranquillamente o guarda, e, sem manifestar a menor alteração, perguntou-lhe com voz socegada:

— Dize-me, quem foi que me ajudou esta noite ao transporte dos meus fardos?

— Que! Não te lembras que me mandaste procurar um moço, e que elle saiu contigo? Eu só fiz o que tu me mandaste.

— É verdade. Mas eu tinha tanto somno, e a noite estava tão negra, que não me lembro muito bem do rosto d'esse moço. Vae procural-o e volta com elle aqui. Conhece-lo?

— Conheço.

Quando o moço chegou, o bezzaz fez-lhe signal de o seguir e fechou o armazem á chave. Depois de ter conduzido o homem para um sitio distante do bazar, poz-se a fazer-lhe perguntas confidencialmente e em voz baixa.

— Podes indicar-me o lugar para onde esta noite levaste os meus pacotes? Olha, meu amigo, seja dito entre nós, é uma triste confissão que faço, mas eu tinha bebido de mais e tudo me esqueceu.

— Tenho melhor memoria, eu, que não tinha bebido senão agua. Conduziste-me ao embarcadouro da margem esquerda do Tigre, e ali ordenaste-me que chamasse um barqueiro, o qual me ajudou a arrumar os fardos no seu barco.

— É isso mesmo. Vamos ao embarcadouro. Farás com que eu falle a esse barqueiro, sim?

— De boa vontade.

Chegados ao Tigre, encontraram logo o barqueiro. O nosso bezzaz despediu o moço. Depois, tendo entrado no barco poz-se ao lado do barqueiro, a quem disse:

— Ha apenas algumas horas que ajudaste meu irmão na conducção de muitos fardos de mercadorias.

— É verdade, foi ao romper do dia.

— Muito bem, vamos, leva-me ao mesmo sitio onde os desembarcaste.

A rapida corrente do Tigre e algumas vigorosas remadas conduziram em pouco tempo o barco ao seu destino. O barqueiro procurou o moço que o ratoneiro tinha encarregado, n'este sitio, do transporte dos fardos roubados. O bezzaz, tendo ordenado ao barqueiro que o esperasse até á sua volta, chamou o moço de parte, e lhe disse:

— Leva-me ao deposito onde, esta manhã, deixaste as mercadorias de meu irmão.

Encaminharam-se então para um edificio afastado da margem do Tigre, e construido na raia dos terrenos arenosos que cercam a cidade de

Bagdad. Chegados á porta, bateram: ninguem respondeu; mas o bezzaz, habil em conhecer o mecanismo das mais complicadas fechaduras, não esteve muito tempo sem abrir elle mesmo com um prego e cadeado. Deixou o moço á porta, entrou, e aphon todos os seus fardos intactos amontoados a um canto. Da parede pendia um tapete velho preso a uma corda. Estes objectos serviram para embulhar os fardos que o bezzaz entregou em seguida ao moço, dizendo-lhe que os levasse para o barco.

A este tempo encontraram o proprio ladrão, que não tinha ainda largado o seu disfarce. Todo perturbado, não ousou fazer observação alguma, e a um gesto imperativo do bezzaz, aproximou-se-lhe e caminhou silenciosamente até ao barco. Não desdenhou mesmo ajudar o moço no embarque dos fardos.

O bezzaz, depois de ter entrado no barco, mandou pelo barqueiro entregar o tapete e a corda ao seu proprietario. Da parte de ambos passou-se tudo com perfeita conveniencia e politica. O gatano deitou o tapete aos hombros, e fez as suas despedidas ao bezzaz n'estes termos:

— Deus te conduza a salvamento, irmão querido! Agora estamos, um e outro, na posse do que legitimamente nos pertence. O proverbio diz: A cada qual o que é seu. Em todo o caso, faço-te justiça, tu inteiramente procedestes como homem que sabe viver.

E separaram-se. O bezzaz voltou para o bazar com as suas mercadorias; e o ratoneiro, para sua casa com a corda e o tapete aos hombros.

BOHEMIA.

Este paiz, de que hoje apenas se falla, mas que foi reino que principiou com o dos egypcios e dos assyrios, e tão famoso como elles, é o mais alto de toda a Europa, pois que nascendo n'elle muitos rios, como são o Oder, o Elb, e o Vistula, nenhum outro entra n'elle. Não são dos mais sadios os seus ares, e por isso muitas vezes tem grassado n'elle horriveis pestes; porém é fertil em trigo, e em pastos. As vinhas não se criam ahí mui bem por causa dos frios.

Este reino tem setenta leguas de longitude, e quarenta de latitude, com cento e duas cidades, algumas das quaes são grandes e dignas de consideração, como Praga, sua capital, Cuttemberg, Pilsen, Egra, Buhmischbroda, Glatz, Tabor, Konigratz etc; trezentas e oito villas; e duzentos quarenta e oito castellos. Segundo os computos de graves autores, pode pôr em campanha dez mil homens de cavallo, e cento e trinta mil homens de pé.

É governado pela casa d'Austria. A religião dominante é a catholica; porém conservam-se ali muitas seitas, que apesar de grandes esforços não se poderam extinguir. Depois da batalha de Praga, na qual foi desbaratado o principe Palatino do Rhin, mandou o imperador Fernando II ex-

terminar não só os lutheranos e calvinistas, que queriam dar a corôa de Bohemia ao dito principe, mas a todos os outros sectarios que havia em Praga. Sem embargo da diligencia com que se executaram as ordens, ficaram ainda muitos lutheranos e calvinistas, e entre elles muitos admitas, pikards, taboritas ou hussistas. Os judeus eram os unicos que se permittiam com exercicio publico, pagando annualmente pela sua residencia em Praga uma somma muito forte ao imperador.

Esta nação, á semelhança de todas muito antigas, tem as suas fabulas. Alguns autores graves da antiguidade, dizem que n'ella viveram as amazonas. D'ahi vem esses notaveis e singulares costumes que se contam, de serem as mulheres donzellas as que presidiam não só nos governos, mas nas campanhas, servindo-se dos homens como de escravos, e diz-se que não se submeteram ás suas leis senão depois da morte de Libusa, que casou com o primeiro duque Premissão.

Os bohemios d'esse tempo adoravam muitas divindades, e faziam sacrificios ás Orcadas, Driadas, Hamadriadas, a Agoa, ao Fogo, ás Florestas, e ás Montanhas. Enterravam os mortos no campo, ou no matto, e faziam sobre as suas sepulturas jogos e mascaradas.

No geral são de cabello loiro, olhos brilhantes, e o seu timbre de voz é um dos mais bellos. São fortes, robustos, subtis, ambiciosos, glotões, e amigos de vinho. O seu idioma é uma confusão do alemão e esclavonio. Tinham um modo exquisito de contar as horas. Ao pôr do sol era a primeira hora, e seguem-se as outras consecutivamente, dizendo treze, quatorze etc.

Este paiz foi antigamente todo coberto de matos e florestas. Os seus primeiros habitantes de que a historia faz menção foram os da colonia chamada de Lèche, que ali se estabeleceu no anno de 544. O primeiro que teve o titulo de duque foi Premissão, com quem casou em 632 Libusa, filha de Cróco, que era então governador d'estes paizes. Pela seguinte forma se narram os principios d'este reino.

Zechio Crovato, banido do seu paiz, retirou-se a estas terras, e achando que os seus habitantes eram homens brutaes, e costumados a viver de roubos e caça, os ensinou a cultivar a terra, e plantar arvores fructiferas. Esta foi a causa porque o elegeram seu governador. Por sua morte deram o mesmo cargo a Craco, ou Cróco, homem prudente, douto, e justo, que fez muitas leis para seu bom governo. Este Cróco deixou tres filhas: Brella, doutissima na medicina; Torba, adivinhadora e encantadora; e Libusa, que sendo a mais moça de todas, foi a mais scientifica, mais intelligente, e por isso a mais amada.

Estas seriam as razões porque se lhe deu o dominio em que governou com geral e admiravel satisfação. Sendo persuadida a que se casasse para que houvesse herdeiros de uma princeza tão sabia, foi mui solicitada, porém não accetando ella nenhum dos partidos mais vantajosos que se

lhe propozeram, determinou que a fortuna fizesse a eleição. Mandou um dia soltar um cavallo, com ordem de que deixando-o correr á vontade o seguissem, e que conduzissem á sua presença aquelle homem junto a quem o cavallo paras-se a primeira vez. Parou justamente diante de Premissão que lavrava a terra, e sendo este trazido diante de Libusa, ella o reconheceu por seu marido, e em memoria de que era um camponez o que começa a senhorear aquelle reino com o titulo de duque, mandou Libusa pendurar no templo os tamancos, com que Premissão foi achado na lavoira do campo.

No espaço de quatrocentos annos succederam dezoito duques a Premissão, sendo um d'estes Bor-sivollho, que no anno de 890 se fez christão com a duqueza sua mulher, chamada Lumilla. Empregando o duque muita diligencia para a conversão de todo o reino, foi lançado fora do governo, mas por fim admittido outra vez, a fé e christandade se estabeleceu na Bohemia, sendo d'ahi por diante christãos todos os seus duques. Finalmente, succedendo no ducado Uratislão, homem generoso, bom soldado e prudente, foi a Mayença ou Moguncia, onde todos os principes do imperio com Henrique III o proclamaram rei da Bohemia no anno de 1089.

Por mais de seis seculos foi este reino electivo; porém a casa d'Austria o reduziu a hereditario desde que o imperador Alexandre II, eleito rei de Bohemia, alcançou uma assignalada victoria contra o principe Frederico Palatino, genro de Jacob, monarcha de Inglaterra, que lhe disputava a corôa, tendo-a recebido em Praga no mez de Novembro de 1619.

Este paiz é cheio de montanhas e de bosques, e mui fertil, achando-se n'elle muitas minas de ouro, prata, arame, cobre e chumbo. Um escriptor nosso, viajando no seculo passado por este paiz, expressa-se do seguinte modo:

«Depois que entrei no reino de Bohemia pareceu-me sempre que caminhava por estradas de Portugal, achando n'estas muitas coisas semelhantes, como por exemplo as searas, e todo o trabalho do campo feito com bois, coisa que até aqui não tinha visto praticar, mais do que com cavallos. As vinhas e os pomares tambem se parecem, e pelo que respeita a esta qualidade de arvores fructiferas, eu as não vi nas outras terras mais do que em jardins. A pobreza dos lugares, e a quantidade de rapazes que correm a posta uma legua a pé atraz do carro para lhe darem alguma esmola, tambem é uma imitação de algumas estradas do nosso paiz.»

O SUPPLICIO DA RODA.

Um viajante do seculo passado descreve pela seguinte forma este supplicio, então muito usado na Alemanha:

«A primeira parte onde vi as chamadas rodas, em que se castigam os facinorosos, foi em

Kondern, onde passei por tres antes de entrar n'aquella terra. Na entrada de Hall estavam tambem quatro, e na saida outras quatro, no mesmo sitio em que se vê a força. Este supplicio tremendo com o qual se tem emendado as barbaridades iniquas de algumas nações, em que eram continuados os crimes insolentes de mortes, roubos, e outros semelhantes, consiste em um madeiro cravado no chão, e em uma roda pequena das que se usam nos jogos dianteiros dos coches, a qual se põe na extremidade do mesmo madeiro. Sobre esta roda se ata o delinquente, ao qual estando vivo se lhe quebram as pernas e os braços, ficando depois exposto na roda não só até morrer, mas até o tempo o consumir. Em casos menos graves se concede a estes miseraveis o golpe chamado de graça, que é uma pancada sobre o coração, a qual subitamente os livra de padecer. Para cada delinquente se faz uma roda, e muitas vezes é executado no logar do delicto se este assim o pede, ou para exemplo, ou para terror. Todas as rodas que vi, conservavam ainda as caveiras, ossos, e partes dos vestidos dos miseraveis que n'ellas tinham acabado.»

RELAÇÃO DAS COISAS QUE ACONTECERAM EM A CIDADE DE ANGRA, ILHA TERCEIRA, DEPOIS QUE SE PERDEU EL-REI D. SEBASTIÃO EM AFRICA.

Continuação.

LXIX

De como deram tratos a Francisco Gil, e de como o enforcaram.

Mandou tambem Manuel da Silva que Francisco Gil fosse levado ao pomar dos seus aposentos, aonde estava o tronco, e logar ordenado aonde se tinham dado tormentos, e tratos de fogo ao ditto Melchior Affonso, e primeiro que os mettesse nos tratos os mandava confessar. E começou de dar tormentos ao ditto Francisco Gil. Confessou tudo quanto tinha ditto Amador Vieira, e confessara quanto lhe perguntara. Teve-o pouco tempo nos tratos, e o mandou pôr logo em a cadea, e escripta sua confissão e por elle assignada, tudo em breve foi sentenciado, e lhe mandaram que arrazoasse de sua justiça em 24 horas. Mas pouco lhe aproveitou, porque a sentença foi de morte, e seus bens sequestrados e perdidos para a corôa, por ser contra o serviço d'el-rei, e querer fugir com o navio alheio, e levar re-ads de traidores. Sobre este homem houve muitos rogos, foi por demais: dizendo Manuel da Silva que se lhe perdoava, que o mestre de campo dos francezes havia perdoar ao piloto francez, e que era bem que se não dissimulasse com cousa alguma; e que nestes casos nem peccados veniaes se haviam perdoar. E enforcaram o pobre Francisco Gil, o qual dice, quando o queriam enforcar, que se guardassem do diabo enfeitado, como a elle fizera um e o enganára e o fizera descobrir seu peito.

(Continua.)